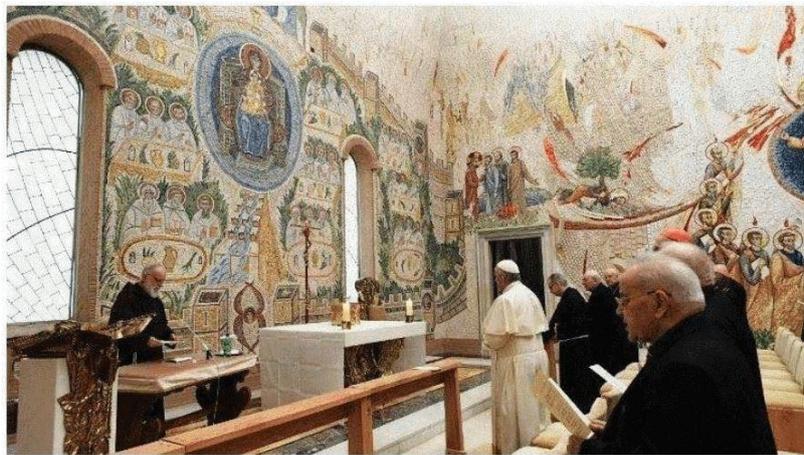


PREGAÇÕES DE QUARESMA

Pelo pregador da Casa Pontificia, cardeal

Raniero Cantalamessa, OFMCap



2020

Fonte: vaticannews.va

A primeira pregação é traduzida da versão em espanhol:

El acha en la raiz

PRIMEIRA PREGAÇÃO

«O machado na raiz»

O machado na raiz

Como nos últimos anos, dedicamos esta primeira meditação a uma introdução geral à Quaresma, aguardando o regresso do Santo Padre e dos membros da Cúria que participam no conjunto de exercícios espirituais, antes de entrar no tema principal desta Quaresma.

Tentação messiânica

O evangelho do primeiro domingo da Quaresma é, por tradição antiquíssima, o episódio das *tentações de Jesus no deserto*. O Evangelho de Mateus, que a Igreja nos faz escutar neste ano litúrgico, começa assim o relato: “Então Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. Tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome. Aproximando-se dele o tentador, disse-lhe: "Se és filho de Deus, diz que estas pedras se convertam em pães" (Mt 4,1-3).

Alguém poderia surpreender-se com o facto de Jesus também ter sido tentado. Não era ele o Filho de Deus? É claro que era, mas também era homem e, como homem, quiz "ser provado em tudo, como nós, excepto no pecado" (Hb 4,15). E isto representa uma grande consolação para nós.

Primeira tentação: "Se és filho de Deus, diz que estas pedras se convertam em pão".

Segunda tentação: "Então o diabo levou-o à Cidade Santa, colocou-o no pináculo do templo e disse-lhe: " Se és filho de Deus, lança-te daqui abaixo ".

Terceira tentação: "Novamente, o diabo o transportou a um monte muito alto e mostrou -lhe todos os reinos do mundo e a sua magnificência e disse-lhe: " Tudo isto te darei se, prostado, me adorares".

Sob estas três tentações, há uma única tentação em três formas diferentes: a chamada "*tentação messiânica*". Consiste na proposta de se impor aos homens com poder e milagres, de ser, por outras palavras, o Messias que todos esperavam. Jesus rejeita essa via, a favor de outra que sente querida pelo Pai celestial. O que está em jogo é decisivo. Rejeitar a cruz significaria salvar a glória da divindade, de acordo com a ideia que dela os homens sempre fizeram. *Aceitar a fraqueza, a humildade e, finalmente, a ignomínia da cruz*, significa, pelo contrário, introduzir no mundo uma novidade absoluta sobre Deus e o Messias que, no entanto, decepcionará todas as expectativas e colocará Jesus em conflito com o meio ambiente religioso. Jesus escolhe, sem hesitar, o caminho que o Pai lhe traçou. Orienta a sua vida para a Páscoa e para a obediência até à morte.

O episódio das tentações não é apenas importante para o que nos diz sobre Jesus, mas também pelo que diz sobre nós próprios. O evangelho apresenta o episódio de tentações como exemplar para a Igreja: "O diabo, lê-se em S.Lucas - afastou -se dele até outra ocasião" (Lc 4,13). Essa "ocasião" é, acima de tudo, o tempo da paixão de Jesus. O desafio: "Se és o Filho de Deus, desce da cruz" (Lc 23, 35,39) parece evocar a última proposta do tentador. Mas "a ocasião" prolonga-se no tempo da Igreja. *Satanás, depois de ter tentado em vão a Cabeça, volta à carga contra o seu corpo*. O Apocalipse descreve essa situação: o dragão persegue a criança, mas o seu ataque falha, porque ele - Jesus - é arrebatado ao céu; Então lança-se no encalço da mulher que o deu à luz - a Igreja - que persegue no deserto, onde ela se refugiou no tempo de seu exílio (cf. Ap 12,1-18).

A Igreja, então, ainda vive no deserto, em regime de tentação e luta; por esse motivo, o seu Mestre ensinou-a a orar: "Não nos deixeis cair [ou não nos abandonais] na tentação, mas livrai-nos do mal". A Quaresma é algo mais do que um tempo do ano litúrgico como os outros: é uma figura e um símbolo da condição actual em que se encontra a Igreja no seu caminho para a Páscoa eterna. *As tentações de Jesus continuam, sob outras formas*, nas tentações dos discípulos, e por isso é importante aprofundar o seu conteúdo e o seu sentido.

Três tentações sempre em curso

Se é verdade que, sob as três tentações, está subjacente a única tentação do Messias, também é verdade que cada uma delas contém um significado muito concreto e universal. Por outras palavras, nas três tentações de Jesus, se preanunciam todas as nossas tentações. *Dostoievski* dizia que, se não se encontrassem nos Evangelhos e fosse necessário inventá-las e se se puzessem à obra, com este objetivo, todos os sábios da terra, não seriam capazes de conceber algo comparável, na força e profundidade, às três perguntas do tentador. "Nelas está, como resumida em bloco e profetizada, toda a futura história humana" [1].

Com essa convicção, tratemos de *reler as três tentações de Jesus*. "Diz que estas pedras se convertam em pão." De acordo com o filósofo *Kierkegaard*, a subtileza sobre -humana da tentação de Cristo reside nisto: ele está com fome, tem a possibilidade de fazer um milagre para obter comida, mas deve abster-se de usar o seu poder, porque não é assim que o Pai Celestial quer que se manifeste [2]. Nisto, a rejeição de Cristo é exemplar para nós, hoje. Por exemplo, *lembra à ciência que, pelo simples fato de que "pode", ou seja, é capaz de fazer uma certa coisa, não significa que "pode" fazê-la (isto é, que seja lícita)*. Pelo facto de poder utilizar a bomba atómica, isso não significa que "pode", que seja lícito usá-la. Pelo facto de ser capaz de reproduzir um ser humano clonando ou operando outras manipulações genéticas, não significa que seja lícito fazê-lo. São tentações tremendas, às quais esperamos que os responsáveis pelo destino humano saibam resistir, evitando cair num *delírio de onipotência* que pode ser fatal para todos.

Segunda tentação: "Se és filho de Deus, lança-te daqui abaixo". A tentação da *espectacularidade*, de chamar a atenção a qualquer preço. Hoje é o que leva muitas pessoas (muitas vezes *adolescentes*) a fazer coisas estranhas, inúteis e até aberrantes, a fim de se falar nos jornais ou no ambiente social; a *aparência* é mais importante que o ser. Pascal estava certo: "Há pessoas dispostas a arriscar, até a vida, desde que alguém fale disso" [3].

Terceira tentação: "Eu te darei poder e glória se, prostrado, me adorares". A tentação de adquirir poderes e sucesso extraordinários, mesmo à custa, como se diz, de "vender a alma ao diabo". Não é o que acontece na *magia*, *ocultismo*, *espiritualismo*, *ritos satânicos* e coisas desse tipo que invadem o nosso mundo e seduzem tanta gente?

Mas não existem só essas tentações universais. Há também as *tentações pessoais e quotidianas* às quais todos estamos expostos e delas nos devemos ocupar em primeiro lugar. Tratemos de considerar um pouco mais em profundidade a dinâmica da tentação, de qualquer tentação, para saber como enfrentá-la.

O que é *tentação*? No sentido comum, é a atracção que se exerce sobre nós o que entendemos como um mal, ou mesmo a instigação e o impulso para o cometer que vem do *demónio*, pelas nossas *concupiscências* e pelo *mundo* que nos rodeia.

Há que distinguir imediatamente a tentação do pecado. *É essencial para que se tenha uma verdadeira tentação que esta seja entendida como tal, isto é, como impulso para o mal.* Caso contrário, será ilusão, erro de avaliação moral (que podem ser tão prejudiciais e às vezes também culposos), mas não tentação. Esta consiste em compreender, pelo menos vagamente, que uma certa coisa está errada, que o seu resultado final será negativo e, no entanto, escolhê-la pela satisfação imediata que promete. *É preferir o imediato ao correcto.*

Poucas coisas se prestam a exemplificar a dinâmica da tentação, como a *droga*. O jovem não pode desconhecer, com tudo o que tem à sua volta, que a droga leva à auto-destruição e à morte. E, no entanto, deixa-se seduzir pela miragem da satisfação imediata. Quer experimentar. Talvez convencendo-se que pode parar, quando assim o decidir. Sem saber que o primeiro efeito da droga será precisamente o de tirar essa capacidade de querer e decidir qualquer coisa e torná-lo um escravo, "tóxico-dependente" precisamente. Repete-se a tentação da serpente: "não vais morrer ... Além disso, os teus olhos se abrirão" (cf. Gén 3.4.5). Mas não foi assim. É a maior tragédia dos jovens de hoje, e não apenas dos jovens.

Faz parte da luta contra as tentações "*fugir das ocasiões próximas de pecado*". Não fazer isso significa expor-se voluntariamente à tentação. "A ocasião - diz-se - faz o ladrão". E é verdade, mas também faz o adúltero, o guloso, o luxurioso ... A ocasião actua como certos animais selvagens que encantam e hipnotizam a presa, para a poder devorar, sem que possa mover-se um centímetro. Há mecanismos psicológicos estranhos que se apoderam do homem; conseguem "*encantar*" a vontade com este simples pensamento: "Se

não aproveitares a oportunidade, já não a encontrarás de novo; é parvoíce não aproveitar a ocasião ... ». A ocasião faz cair em pecado os que não a evitam, como a vertigem faz cair num precipício os que dele se aproximam.

Os meios da luta: o jejum

O evangelho das tentações não se limita, felizmente, a recordar-nos que nesta vida estamos expostos à tentação; sugere-nos *como agir para vencer a tentação*: imitando o Mestre. Jesus venceu a sua tentação principalmente com duas armas: o jejum ("não comeu nada nesses dias") e o recurso à Palavra de Deus ("está escrito"). Aprofundemos estes dois temas tão importantes para viver bem a nossa Quaresma. Começemos com o jejum.

No prefácio da liturgia de quarta-feira de cinzas, encontra-se este elogio ao jejum: "Pelo jejum corporal reprimis os vícios e elevais o espírito, infundis a fortaleza e dais a recompensa...". Que jejum pode alcançar efeitos tão extraordinários e profundos? Certamente não é o simples jejum corporal, que consiste na abstenção de alimentos, dobrando "como junco a sua própria cabeça" e usando "saco e cinzas como um leito". Tanto mais se se a ele se acompanha, como pode acontecer, a *presunção de ter feito com isso uma coisa importante, que dá direito a uma contrapartida*: "Que adianta jejuar, se Tu nem notas, por que passar fome, se não Te importas com isso?" (Is. 58,3).

Desse jejum "hipócrita" (cf. Mt 6,16), que simultaneamente permite "oprimir os trabalhadores e discutir batendo com punhos injustos", Deus não sabe o que fazer e diz sobre isso: "Porventura é este o jejum que eu desejo?" (Is. 58,5).

Naturalmente, nem todo o jejum corporal é assim; há também um *jejum bom*, conhecido e apreciado por toda a tradição bíblica e cristã que contribuiu para fazer santos. Existem situações das quais não se sai ", diz Jesus, "senão "mediante a oração e o jejum" (Mc 9,29).

Hoje, a este jejum de alimentos, há que agregar (ou até substituir) outro jejum, o das imagens. Está escrito que Satanás "mostrou" Jesus todos os reinos: fê-los ver numa espécie de visão intelectual. A imagem, uma vez introduzida na nossa imaginação, aninha-se nela, criando um impulso urgente para que se traduza em realidade e acção. A queda de *Eva* também começou pelos olhos: "Viú que a árvore era boa, agradável aos olhos e desejável" (Gén. 3,6).

A porta comum através da qual a tentação e a representação são introduzidas. Agora vivemos numa civilização dominada pela imagem. Somos bombardeados de manhã à noite: televisão, revistas, filmes, internet ... Se Jesus, naqueles quarenta dias, praticou o jejum de alimentos, *hoje temos que acrescentar o jejum das imagens*. Nem todas as imagens, é evidente, mas aquelas imagens que sabemos serem prejudiciais para nós. Não só as imagens de nus e de sexo, mas também de vestidos caros, vitrines brilhantes e objectos de luxo, ou de pratos suculentos e bebidas, para quem é propenso a exagerar no comer e beber.

As duas formas de jejum que recordei, no entanto, e outras que poderiam ser adicionadas (por exemplo, *jejum de palavras ruins!*) são jejuns preparatórios; não põem porém "o machado na raiz". O jejum verdadeiro, radical, de que nenhum profeta suspeitou, revela-nos Jesus e é: *jejuar de nós mesmos!* "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo" (Lc 9,23). "A si mesmo": Esta é a raiz na qual deve ser introduzido o machado, se se quer trabalhar seriamente com Deus e com o Evangelho. Vem-me à mente uma recordação de criança. Ia com o meu pai até a margem do rio para apanhar as cepas dos choupos recém-cortados; o terreno circundante estava a descoberto, pois cortavam-se, à medida que afloravam, todas as raízes laterais e superficiais, após o que eu, inexperiente, comecei a puxar uma cepa, como se tivesse que sair com um simples puxão; mas não se movia nem um centímetro! O álamo, como muitas outras árvores, possui a raiz primária, ou seja, uma raiz-mãe que se infiltra perpendicularmente no terreno e é irremovível; enquanto não se cortar, a árvore não cai.

Isso acontece também connosco: podem cortar-se muitos laços e muitas necessidades: de comida, de objectos, de outras pessoas; mas *enquanto não se mete o machado no nosso «eu» velho, tenaz e egoísta, não se progride nem um centímetro no caminho do Evangelho*. Permanecemos do lado de cá de uma verdadeira conversão. É a nossa raiz-mãe que alimenta e faz crescer todas as outras! Poderia dar-se o caso de um asceta macerado no corpo, despojado de tudo, reduzido à pele e ossos pela penitência, mas cheio de si mesmo e da sua ascese: esse seria um homem que ainda deveria converter-se. Todos os anos, na Quaresma, ao convidar-nos à conversão, a Palavra de Deus nos chama a essa difícil operação.

Mas é justo colocar o machado precisamente nessa raiz? Porquê entrar em conflito consigo mesmo? O motivo é que *esse lugar é de Cristo e dois juntos não cabem! O nosso eu ocupa-o como usurpador*. Desse lugar depende sobre quem estamos fundados e enraizados, quem é o apoio e a "rocha da nossa vida", sobre quem estamos centrados: se é sobre Deus ou sobre nós mesmos. Paulo diz que devemos estar "enraizados e edificados" em Cristo Jesus (cf. Col 2,7)!

Vamos descer ao concreto: quando bebemos a seiva e nos alimentamos da raiz venenosa do próprio egoísmo? Fazemos isso quando deixamos que seja o «eu» velho e o pecador a falar em nós, a expressar livremente os seus juízos, as suas convicções, a destilar *ressentimentos e rancores*; quando cedemos a *iras, ciúmes, auto-compaixão*. Às vezes, em casos destes, tem-se a impressão física de sucção dessa raiz amarga. O espírito fica nublado, fecha-se, respira-se o ar da morte dentro de nós.

Cuando nos surpreendemos nesse estado, devemos cortar imediatamente essa torrente de pensamentos, desaprová-los, opor-lhes *pensamentos contrários de amor, de perdão, de pureza, de misericórdia*. Não nos dar-mos razão! É assim que se põe "o machado na raiz" : "Se com a ajuda do Espírito, fazeis morrer as obras do corpo, vivereis" (Rom 8,13).

Este é o verdadeiro jejum espiritual, o jejum de si mesmo; Seus frutos são paz, alegria, concordância, comunhão; Em uma palavra, "a nova vida". Para ele, alude outro prefácio emprestado quando ele diz dirigido a Deus: "Você estabeleceu, para seus filhos, um tempo de renovação espiritual para que, livre dos fermentos do pecado, viva as vicissitudes deste mundo sempre orientadas para bens eternos". .

O machado é a palavra de Deus

Dou-me conta de que falei aqui da "raiz", mas ainda não do "machado". Qual é o machado que nos deve servir para fazer essa limpeza em nós próprios? É a palavra de Deus! *Jesus opôs a cada tentação, uma palavra da Escritura.* A Palavra de Deus é uma "espada afiada de dois gumes" (Hb 4,12), "espada do Espírito" (Ef 6,17) que sai da boca do Filho do homem (Ap 1,16). E, com razão, porque a palavra de Deus penetra, faz espaço e ilumina como um facão na selva. *A Palavra de Deus é o grande recurso no caminho da santificação; faz soçobrar coisas e desejos inúteis, corta as raízes do homem velho;* numa palavra, como diz Jesus, "limpa": "Vós já estais limpos em virtude da palavra que vos anunciei" (Jo 15,3).

A Palavra de Deus voltou a ser, afortunadamente, um componente essencial da nossa Quaresma. Verifica-se, cada vez mais, a promessa de Deus que fala de uma fome e sede no país, mas não fome de pão ou sede de água, mas de ouvir a palavra do Senhor (cf. Am 8,11). É necessário que nos enamoremos dela, que a recolhamos com avidez. Paulo escreve: "É junto de ti que está a palavra, na tua boca e no teu coração" (Rm 10,8), e é verdade: "A Palavra de Deus", diz Santo Ambrósio - é a substância vital de nossa alma; alimenta-a, cuida dela e governa-a, e não há nada, excepto a palavra de Deus, que possa fazer viver a alma do homem »[4].

Quando se ouve a palavra de Deus na assembleia litúrgica ou se lê em casa, *é bom centrar-se nessa frase que mais nos impressiona, ou que nos impressionou alguma uma vez, porque esse é o sinal de que nos está destinada de um modo especial.* Há que deixar-se julgar livremente pela palavra de Deus, não torná-la estéril aplicando-a imediatamente aos outros. Depois deve passar-se da escuta à *aplicação prática; questionar-se: como posso hoje mesmo traduzir esta palavra em acções e gestos concretos?* Por exemplo, a palavra de Jesus ao tentador: "Não de pão vive o homem". Pode aplicar-se sem esforço a outras coisas: não só de trabalho vive o homem, não só de dinheiro vive o homem, não só de "futebol" vive o homem ...

Deus normalmente responde com pontualidade desconcertante quando lhe pedimos sinceramente que nos mostre a sua vontade. Não há que ser um daqueles que São Tiago chama de ouvintes apressados (cf. STG 1.22-24): aqueles que contemplam a sua fisionomia num espelho sem parar e sem permitir que o espelho revele as suas manchas. Nós, os ministros de Deus e os leigos comprometidos, devemos estar atentos a ser ouvintes e não apenas distribuidores da palavra de Deus. O remédio cura quem o toma, não quem o prepara ou distribui aos outros!

Jejum de nós próprios e Palavra de Deus, eis um bom programa para a Quaresma! Um programa austero, mas não sombrio, porém belo e fascinante. *A Quaresma não é um presente que fazemos a Deus, mas um presente (e que presente!) que Deus nos faz.* Por isso "quando jejuares", adverte-nos Jesus, "não ponhais um ar melancólico" (Mt 6,16). Hoje está na moda falar de "fitness"; os grandes hotéis têm todos centros de "spa" ou bem-estar. A Quaresma, se quisermos, pode ser um tempo de "fitness" do Espírito, muito mais importante e necessário do que o do corpo.

O Evangelho de Marcos termina o seu breve relato de tentações com esta nota: "Vivia entre os animais selvagens e os anjos o serviam" (Mc 1,13). É uma maneira velada de dizer que, com a sua vitória sobre o demónio, Jesus desmoronou a derrota de Adão e Eva diante da tentação da serpente. Ele é o novo Adão que reabre o acesso à paz que reinou no primeiro paraíso entre o homem, os anjos e os animais selvagens.

Jesus no deserto livrou-se de Satanás para depois nos livrar de Satanás. Também nós *livremo-nos do demónio*, para ajudar os irmãos a libertarem-se do demónio e das suas seduções.

Boa e santa Quaresma, seguindo as pegadas de Jesus!

TRADUZIDO do original italiano para castelhano por Pablo Cera Barranco

[1] *Os Irmãos Karamazov*, Lenda do Grande Inquisidor.

[2] Søren Kierkegaard, *Diário*, X4A

[3] Blaise Pascal, *Pensamentos*, 147 (ed. Brunschvicg)

[4] San Ambrosio, *Exp. PS* 118, 11,

SEGUNDA PREGAÇÃO

"Que temos nós com isso, mulher",

a kenosis da Mãe de Deus

Nas meditações desta Quaresma, continuamos nossa jornada nos passos da Mãe de Deus iniciados no último Advento. Será também uma maneira de nos colocarmos sob a proteção da Virgem em um período tão severo devido à disseminação da infecção pelo vírus Corona.

É preciso reconhecer que o Novo Testamento não fala muito de Maria, pelo menos não com tanta frequência quanto se esperaria, considerando o desenvolvimento que teve na Igreja a devoção à Mãe de Deus. Todavia, se prestarmos a devida atenção, perceberemos uma coisa: Maria não está ausente de nenhum dos três momentos constitutivos do mistério da salvação. De fato, existem três momentos bem claros que, juntos, formam o grande mistério da Redenção, a saber: a Encarnação do Verbo, o Mistério Pascal e o Pentecostes.

Pois bem, refletindo, percebemos que Maria não está ausente de nenhum desses três momentos fundamentais. Certamente não está ausente da Encarnação, que aconteceu exatamente nela. Maria não está ausente do Mistério Pascal, porque está escrito que “junto da cruz de Jesus estava Maria sua mãe” (cf. Jo 19,25). Finalmente, não está ausente do Pentecostes, porque está escrito que o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos que, “unânimes, perseveravam na oração com Maria, a mãe de Jesus” (cf. At 1,14).

Essas três presenças de Maria nos momentos-chave da nossa salvação não podem ser um simples acaso. Asseguram-lhe um lugar único ao lado de Jesus na obra da redenção. Entre todas as criaturas, Maria foi a única a ser testemunha e partícipe de todos esses três acontecimentos.

Nesta segunda parte da nossa caminhada, queremos seguir Maria no Mistério Pascal, deixando-nos guiar por ela à compreensão profunda da Páscoa

e à participação nos sofrimentos de Cristo. Maria toma-nos pela mão e dá-nos a coragem para segui-la nesta estrada, dizendo-nos como uma mãe a seus filhos: *Vamos nós também para morrermos com ele!* (Jo 11,16). No Evangelho, é Tomé quem pronuncia estas palavras, mas é Maria quem as põe em prática.

Sofrendo, aprendeu a obedecer

Na vida de Jesus, o Mistério Pascal não começa com a prisão no horto, nem dura só uma semana santa. Toda a sua vida, desde que João Batista o saudou como o Cordeiro de Deus, é uma preparação para sua Páscoa. Conforme o Evangelho de Lucas, toda a vida pública de Jesus foi uma lenta e incessante “subida para Jerusalém”, onde consumaria seu êxodo (cf. Lc 9,31).

Paralelamente a este caminho do novo Adão, segue o caminho da nova Eva. Também para Maria, o Mistério Pascal começou muito tempo antes. Já as palavras de Simeão, sobre o sinal de contradição e sobre a espada que lhe traspassaria a alma, continham um presságio que Maria guardava no coração junto com todas as outras palavras. O “passo” que queremos dar nesta meditação consiste exatamente em seguir Maria durante a vida pública de Jesus, vendo como ela se torna para nós tipo e modelo.

Na caminhada em busca da santidade, o que normalmente acontece depois que uma alma foi preenchida pela graça, depois que generosamente respondeu com o seu “sim” de fé, e corajosamente se dedicou às boas obras e às virtudes? Vem o tempo da purificação e do despojamento. Chega a noite da fé. De fato, veremos que Maria, neste período da sua vida, exatamente nisto serve-nos de guia e modelo: de como nos devemos comportar quando na vida chega “o tempo da poda”.

São João Paulo II, na sua encíclica “*Redemptoris Mater*”, escrita para o Ano Mariano, com razão aplica à vida de Nossa Senhora a grande categoria da kenose, com a qual São Paulo explicou a vicissitude terrestre de Jesus: Cristo Jesus, que era de condição divina, não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus, mas despojou-se (*ekénosen*) a si mesmo... (F1 2,6-7). Mediante essa sua fé – escreve o Papa – Maria está perfeitamente unida a Cristo no seu despojamento... Aos pés da cruz, Maria participa mediante a fé no mistério

desconcertante desse despojamento”[1]. Este despojamento consumou-se junto à cruz, mas começou bem antes. Também em Nazaré, e sobretudo durante a vida pública de Jesus, ela avançava na peregrinação da fé. Não é difícil, porém, perceber naquele início um particular aperto do coração e uma espécie de noite da fé”[2].

Tudo isso torna as vicissitudes de Maria extraordinariamente significativas para nós; devolve Maria à Igreja e à humanidade. É preciso constatar com alegria um grande progresso havido na Igreja católica no tocante à devoção a Nossa Senhora; quem viveu antes e depois do Concílio Vaticano II facilmente pode dar-se conta disso. Antes, a categoria fundamental com a qual se explicava a grandeza de Nossa Senhora era a do “privilégio” ou da isenção.

Pensava-se que Maria tivesse sido isenta não só do pecado original e da corrupção (que são privilégios definidos pela Igreja com os dogmas da Imaculada e da Assunção); nessa linha, ia-se muito além, até achar que Maria teria sido isentada das dores do parto, do cansaço, da dúvida, da tentação, da ignorância e finalmente, o mais grave, também da morte. De fato, para alguns, Maria teria sido levada ao céu sem precisar passar pela morte.

Tudo isso – pensava-se – é consequência do pecado, e Maria não tinha pecado. Dessa maneira, passava despercebido que, em vez de “associar” Maria a Jesus, chegava-se a dissociá-la completamente dele que, mesmo sem ter pecado, para nosso proveito quis experimentar tudo isso, cansaço, dor, angústia, tentações e morte. Toda essa mentalidade refletia-se na iconografia de Nossa Senhora, isto é, na maneira como era representada em estátuas, pinturas e imagens: uma criatura geralmente desencarnada e idealizada, de uma beleza frequentemente só humana, que qualquer mulher desejaria possuir; em suma, uma Nossa Senhora que parece ter tocado a terra apenas de leve, com a ponta dos pés.

Agora, seguindo o Concílio Vaticano II, a categoria fundamental com a qual procuramos compreender a santidade única de Maria já não é a do privilégio, mas a da fé. Maria caminhou, ou melhor, “progrediu” na fé[3]. Isso não diminui, mas aumenta sem medida a grandeza de Maria. De fato, a

grandeza espiritual de uma criatura perante Deus, nesta vida, não é medida tanto por aquilo que Deus lhe dá, quanto por aquilo que Deus lhe pede. E veremos que Deus pediu muito a Maria, mais do que a qualquer outra criatura, mais do que ao próprio Abraão.

No Novo Testamento, encontramos palavras fortes sobre Jesus. Uma delas diz que “nós não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; pelo contrário, ele mesmo foi provado em tudo, à nossa semelhança, exceto no pecado” (Hb 4,15); uma outra diz que, apesar de Filho de Deus, aprendeu a obedecer, sofrendo (Hb 5,8). Se Maria seguiu o Filho na kenose, estas palavras, com as devidas proporções, aplicam-se também a ela e constituem, aliás, a verdadeira chave de compreensão da sua vida. Maria, apesar de ser a mãe, sofrendo aprendeu a obedecer.

Por acaso Jesus não era suficientemente obediente na infância, ou não sabia o que é a obediência, de modo que precisasse aprender a conhecê-la “pelo sofrimento”? Não; aqui, “aprender” significa “conhecer”, que na Bíblia geralmente tem o sentido concreto de experimentar, saborear. Jesus exerceu a obediência, avançou nela através do sofrimento. Precisava de uma obediência sempre maior para vencer resistências e provações sempre maiores, até a prova suprema da morte. Também Maria aprendeu a fé e a obediência; nelas, avançou através dos sofrimentos, tanto que podemos dizer dela, com toda a confiança: não temos uma mãe que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, do nosso cansaço, das nossas tentações; pelo contrário, ela mesma foi provada em tudo, à nossa semelhança, exceto no pecado.

Maria durante a vida pública de Jesus

Há, nos Evangelhos, referências a Nossa Senhora que, no passado, no clima dominado pela ideia de privilégio, criavam certo embaraço entre os fiéis, e que agora, pelo contrário, aparecem-nos como marcos nesse caminho de fé de Maria. Passagens que, por isso mesmo, não precisamos pôr de lado apressadamente, ou suavizar com explicações convenientes. Consideremos brevemente esses textos.

Comecemos com o episódio da perda de Jesus no Templo (cf. Lc 2,41). Este foi o início do mistério pascal de despojamento para a Mãe. De fato, o que precisou ela ouvir depois de tê-lo encontrado novamente? “Por que me procuráveis? Não sabeis que devo estar na casa de meu Pai?”. “Por que me procuráveis?” Essas palavras colocavam entre ela e Jesus uma outra vontade, infinitamente mais importante, que punha em segundo lugar qualquer outro relacionamento, também o relacionamento filial com ela.

Continuemos, porém. Encontramos uma menção de Maria em Caná da Galileia, exatamente no momento em que Jesus está começando seu ministério público. Conhecemos os fatos. Qual a resposta que Maria ouviu de Jesus ao seu discreto pedido de intervenção? “Que temos nós com isso, mulher?” (Jo 2,4). De qualquer maneira que se expliquem essas palavras, elas soam duras, mortificantes; parecem novamente colocar uma distância entre Jesus e sua Mãe.

Todos os três Sinóticos referem-nos este outro episódio acontecido durante a vida pública de Jesus. Um dia, enquanto Jesus estava pregando, chegaram sua Mãe e alguns parentes para falar-lhe. Talvez a mãe estivesse preocupada com a saúde dele, o que é muito natural para uma mãe, pois logo antes está escrito que Jesus, por causa da multidão, não podia nem comer (cf. Mc 3,20). Percebemos um detalhe: Maria, a Mãe, precisa até mendigar o direito de ver o Filho e de falar-lhe. Ela não abre caminho no meio da multidão aproveitando o fato de ser a mãe. Pelo contrário, ficou esperando fora, enquanto outros foram até Jesus para informá-lo: “Lá fora está tua mãe que te quer falar”. Mas, aqui também, o mais importante é a palavra de Jesus que continua sempre na mesma linha: *Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?* (Mc 3,33).

Já conhecemos a resposta. Procuremos nos colocar no lugar de Maria, e entenderemos a humilhação e o sofrimento que aquelas palavras lhe causaram. Sabemos hoje que, naquelas palavras, está mais um elogio do que uma repreensão para a mãe; mas ela não sabia, pelo menos naquele momento. Naquele momento, havia só a amargura de uma recusa. O Evangelho não diz se depois Jesus saiu para falar-lhe; provavelmente, Maria teve que ir embora, sem ter visto o filho e sem ter falado com ele.

Um outro dia – narra São Lucas – uma mulher, no meio da multidão, teve uma exclamação de entusiasmo para com Jesus: “Feliz – ela disse – o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram!”. Era um desses cumprimentos que, por si sós, bastam para fazer a felicidade de uma mãe. Maria, porém, se estava presente ou se foi informada, não pôde saborear tranquilamente essas palavras, porque Jesus logo se apressou a corrigir: “Muito mais felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática (Lc 11, 27-28).

Ainda um último detalhe nesta linha. São Lucas, num determinado ponto do seu Evangelho, fala de um grupo de piedosas mulheres – cujo nome também refere – que tinham sido beneficiadas por ele e que o “serviam com os seus bens” (cf. Lc 8,2-3), e que cuidavam das necessidades materiais dele e dos apóstolos, preparando uma refeição, lavando ou consertando uma roupa, etc. O que isso tem a ver com Maria? É que, entre essas mulheres, não aparece a mãe, e todos sabem o quanto uma mãe gostaria de prestar esses pequenos serviços ao filho, especialmente se consagrado ao Senhor. Aí temos o sacrifício total do coração.

O que significa tudo isso? Uma série de fatos e de palavras tão detalhados e coerentes não pode ser um acaso. Também Maria teve que experimentar a sua *kenose*. A *kenose* de Jesus consistiu no despojar-se de seus legítimos direitos e de suas prerrogativas divinas, assumindo a condição de servo e manifestando-se exteriormente como simples homem. A *kenose* de Maria consistiu em deixar-se despojar de seus legítimos direitos como mãe do Messias, parecendo diante de todos uma mulher como as outras. A condição de Filho não poupou Cristo de qualquer humilhação; da mesma forma, a qualidade de Mãe de Deus não poupou a Maria qualquer humilhação. Jesus dizia que a Palavra é o instrumento com que Deus poda e limpa os ramos: “Vós estais limpos, devido à Palavra” (Jo 15,3). E tais foram as palavras que ele dirigiu à sua Mãe. Por acaso, não seria essa Palavra a espada que, conforme Simeão, um dia lhe traspassaria a alma?

A maternidade divina de Maria era também, e antes de tudo, uma maternidade humana; tinha um aspecto também “carnal”, no sentido positivo deste termo. Aquele Filho era o seu filho, era a sua única riqueza, o seu único

apoio na vida. Mas ela precisou renunciar a tudo o que havia de humanamente exaltante na sua vocação. O Filho mesmo colocou-a numa situação tal que ela não podia aproveitar-se de nenhuma vantagem terrena da sua situação de mãe. Seguiu Jesus como se não fosse sua mãe. Desde que começou seu ministério e deixou Nazaré, Jesus não teve onde reclinar a cabeça, e Maria não teve onde reclinar seu coração.

À sua pobreza material, que já era muito grande, Maria precisou acrescentar também a pobreza espiritual, no seu grau mais alto. Pobreza de espírito que consiste em deixar-se despojar de todos os privilégios, em não poder apoiar-se em nada, nem do passado nem, do futuro, nem nas revelações, nem nas promessas, como se tudo isso não lhe pertencesse e nunca tivesse acontecido. É uma espécie de noite escura da memória. Essa consiste no esquecer-se, ou melhor, na impossibilidade de, mesmo querendo, lembrar do passado, lançados unicamente na direção de Deus, vivendo de pura esperança. Essa é a verdadeira e radical pobreza de espírito, que é rica só de Deus e, mesmo isso, só na esperança.

Com sua mãe, Jesus comportou-se como um diretor espiritual lúcido e exigente que, tendo entrevisto uma alma extraordinária, não a faz perder tempo nem contemporizar com sentimentos e consolações naturais; pelo contrário, se ele mesmo for santo, arrasta-a numa corrida sem tréguas para o despojamento total, para chegar à união com Deus. Ensinou a Maria a renúncia a si mesma. A seus seguidores, de todos os séculos, Jesus os dirige mediante o seu Evangelho; sua mãe, porém, dirigiu-a de viva voz, pessoalmente.

Por uma das mãos, Jesus deixava-se conduzir pelo Pai, através do Espírito, para onde o Pai o queria: ao deserto para ser tentado, ao monte para ser transfigurado, ao Getsêmani para suar sangue... Eu sempre faço – ele dizia – o que é do seu agrado (Jo 8,29). Com a outra mão, Jesus conduz sua mãe na mesma corrida para fazer a vontade do Pai.

Maria discípula de Cristo

Como reagiu Maria a este tratamento que o Filho e o próprio Deus lhe deram? Tentemos ler novamente os textos mencionados. Constataremos o

seguinte: jamais encontramos em Maria nem o menor sinal de oposição, de discussão ou de auto-justificação; jamais uma tentativa de mudar a decisão de Jesus! Docilidade absoluta.

Transparece aqui a singular santidade pessoal da Mãe de Deus, a mais alta maravilha da graça. Para verificá-lo, basta fazer algumas comparações. Por exemplo, com São Pedro. Quando Jesus deu a entender a Pedro que em Jerusalém o esperavam recusa, paixão e morte, Pedro “protestou” e disse: De jeito nenhum, Senhor, isso não pode acontecer, não deve acontecer! (cf. Mt 16,22). Estava preocupado com Jesus, mas também consigo mesmo. Maria, não.

Maria ficava calada. Sua resposta para tudo era o silêncio. Não um silêncio de recuo e de tristeza, porque também existe um silêncio que dentro, onde só Deus escuta, é estrondo de homem velho. O de Maria era um silêncio bom. Percebe-se isso em Caná da Galileia: em vez de mostrar-se ofendida, percebeu pela fé, e talvez pelo olhar de Jesus, que podia fazê-lo e disse aos servos: “Fazei o que ele vos disser” (Jo 2,5). Depois daquela dura palavra de Jesus reencontrado no templo, está escrito que Maria não entendia; mas também está escrito que ela se calava e “guardava todas estas coisas no seu coração” (Lc 2,51).

O fato de Maria calar-se não significa que para ela tudo seja fácil, que não precise superar lutas, fadigas e trevas. Ela estava isenta do pecado, não da luta nem da “fadiga do crer”. Se Jesus precisou lutar e suar sangue para levar sua vontade humana a aderir plenamente à vontade do Pai, o que há de surpreendente se também Maria precisou “agonizar”? Uma coisa, todavia, é certa: por nada no mundo Maria teria querido voltar atrás. Quando perguntamos a algumas almas, conduzidas por Deus por caminhos semelhantes, se querem que rezemos para que tudo acabe e volte a ser como antes, apesar de transtornadas e às vezes à beira de um aparente desespero, logo se apressam a responder: não!

Depois de ter contemplado, no Advento, Maria como a *mãe* de Cristo, vamos contemplá-la agora como a *discípula* de Cristo. A propósito da palavra de

Jesus: “Quem é minha mãe?... Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3,33-35), Santo Agostinho comenta:

Por acaso não fez a vontade do Pai a Virgem Maria, que pela fé acreditou, pela fé concebeu, que foi escolhida para que dela nascesse a salvação para os homens, que foi criada por Cristo, antes que Cristo fosse criado no seu seio? Santa Maria fez a vontade do Pai e a cumpriu inteiramente; e, por isso, para Maria, é mais importante o ter ela sido discípula de Cristo, do que ter sido a Mãe de Cristo. Tem mais valor, é prerrogativa mais feliz ter sido discípula do que Mãe de Cristo. Maria era feliz porque, antes de dar à luz o Filho, trouxe no ventre o Mestre... Por isso mesmo, pois, também Maria foi feliz porque escutou a Palavra de Deus e a pôs em prática[4].

Corporalmente, Maria é apenas mãe de Cristo, mas, espiritualmente, é sua irmã e sua mãe”[5].

Devemos, então, pensar que a vida de Maria foi uma vida de contínua aflição e de tristeza? Muito pelo contrário. Por analogia com o que aconteceu aos santos, devemos afirmar que, neste caminho de despojamento, Maria descobria, dia a dia, uma alegria de tipo novo, diferente das alegrias maternas de Belém ou de Nazaré, quando apertava Jesus em seus braços. A alegria de não fazer sua própria vontade. A alegria de dar a Deus o que de mais precioso existe para ele, uma vez que, também em se tratando de Deus, há mais alegria em dar que em receber. A alegria de descobrir um Deus, cujos caminhos são inacessíveis e cujos pensamentos não são os nossos, mas que se dá a conhecer pelo que é: Deus, o Santo.

Uma grande mística, Santa Ângela de Folinho, que tinha feito experiências análogas, fala de uma alegria especial, no limite das possibilidades humanas de compreensão, que ela chama de “alegria da incompreensibilidade” (*gaudium incomprehensibilitalis*). Alegria que consiste em entender que não se pode entender, e que um Deus compreendido já não seria Deus. Esta incompreensibilidade, em vez de tristeza, gera alegria, porque mostra que Deus é ainda mais rico e maior do que consegues entender, e que ele é o “teu” Deus!

Esta é a alegria que os Santos têm no céu e que a Virgem Santa, de acordo com Santa Ângela, teve já, em alguns momentos, nesta vida,[6].

De nossa meditação sobre Maria na vida pública de Jesus, relatamos uma certeza consoladora: Temos uma Mãe capaz de compadecer-se das nossas fraquezas, tendo ela mesma sido provada em tudo à nossa semelhança, exceto no pecado. Agora que está glorificada no céu perto do Filho, Maria pode estender sua mão materna para nós pequeninos, levando-nos consigo e dizendo, com bem mais razão que o Apóstolo: “Sede meus imitadores, como também eu o sou de Cristo” (1Cor 11,1).

Vamos, portanto, recorrer a ela neste momento de grande provação, com a antiga e bela oração do *Sub tuum praesidium*:

À Vossa Proteção recorreremos
Santa Mãe de Deus
Não desprezeis as nossas súplicas
Em nossas necessidades
Mas livrai-nos sempre de todos os perigos
Virgem gloriosa e bendita.

[1] S. João Paulo II, Enc. *Redemptoris Mater*, 18 (AAS, 79, 1987, p. 382ss.)

[2] *Ib.* 17.

[3] *Lumen gentium*, 58.

[4] Sto. Agostinho, *Sermão 72 A*, 7 (*Miscellanea Agostiniana*, I, p. 162).

[5] Sto. Agostinho, *Sobre a santa Virgindade*, 5-6 (PL 40, 399).

[6] *O livro da B. Ângela da Foligno*, Istr. III (Ed. Quaracchi, Grottaferrata, 1985, p. 468).

TERCEIRA PREGAÇÃO

“Perto da Cruz de Jesus estava Maria, sua mãe”

Maria no Calvário

A palavra de Deus que nos acompanha em nossa meditação é a de João, aquele que “viu e que, por isso, sabe que fala a verdade” (Jo 19,35):

Perto da cruz de Jesus estavam de pé a sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas e Maria Madalena. Jesus, ao ver sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava, disse a sua mãe: ‘Mulher, este é o teu filho’. Depois disse ao discípulo: ‘Esta é a tua mãe’. Daquela hora em diante, o discípulo a acolheu consigo (Jo 19,25-27).

Desse texto, tão denso, vamos considerar agora só a narrativa, deixando para a próxima vez a meditação do restante da passagem evangélica que contém as palavras de Jesus.

Se, no Calvário, junto da cruz de Jesus, estava Maria, sua Mãe, isso quer dizer que ela estava em Jerusalém naqueles dias; se estava em Jerusalém, então viu tudo, assistiu a tudo. Ouviu os gritos: “Esse não, mas Barrabás!”, assistiu ao *Ecce homo*, viu a carne da sua carne açoitada, sangrante, coroada de espinhos, seminua perante a multidão, estremecendo sacudida por arrepios de morte na cruz. Ouviu o barulho dos golpes de martelo e os insultos: “Se és o Filho de Deus...”. Viu os soldados dividindo entre si as vestes, a túnica que talvez ela mesma tinha tecido.

“Perto da cruz de Jesus estavam de pé a sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas e Maria Madalena”. Havia, pois, um grupo de mulheres, quatro no total (como aparece no ícone). Maria não estava, pois, sozinha; era uma das mulheres. Sim, Maria estava ali como “sua mãe” e isto muda tudo, pondo Maria numa situação totalmente diferente. Assisti, às vezes, ao funeral de alguns jovens; penso particularmente no de um rapaz. Várias mulheres seguiam o féretro. Todas vestidas de preto, todas chorando. Pareciam todas iguais. Mas entre elas havia uma diferente, uma na qual pensavam todos os presentes, e para a qual todos olhavam disfarçadamente: a mãe. Era viúva e tinha só aquele filho. Olhava para o caixão, percebia-se que seus lábios repetiam sem parar o nome do filho. Quando os fiéis, no momento do *Sanctus*, começaram a proclamar: “Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus do universo”, também ela, talvez sem o perceber, começou a murmurar: Santo, Santo, Santo... Naquele momento pensei em Maria aos pés da cruz. Mas a ela foi pedido algo de mais difícil: perdoar. *Quando ouviu o Filho dizendo: Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem!* (Lc 23,34), ela entendeu o que o Pai do céu esperava dela: que dissesse com o coração as mesmas palavras: “Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem!”. E ela as disse. Perdoou.

Se Maria pôde ser tentada, como o foi também Jesus no deserto, isto aconteceu particularmente junto da cruz. E foi uma tentação profundíssima e dolorosíssima, porque tinha como causa o mesmo Jesus. Ela acreditava nas promessas, acreditava que Jesus era o Messias, o Filho de Deus; sabia que, se Jesus tivesse pedido, o Pai lhe teria enviado “mais de doze legiões de anjos” (cf. Mt 26,53). Mas percebe que Jesus não faz nada. Libertando a si mesmo da cruz, libertaria também ela de sua terrível dor, mas não o faz. Maria, porém, não grita: “Desce da cruz; salva-te a ti mesmo e a mim!”; ou: “Salvaste muitos outros, por que não salvas agora também a ti mesmo, ó meu filho?”, ainda que seja fácil entender como seria natural que semelhantes pensamentos e desejos surgissem no coração de uma mãe. Maria cala-se.

Humanamente falando, Maria tinha todos os motivos para gritar a Deus: “Tu me enganaste!”, ou, como um dia gritou o profeta Jeremias: “Tu me seduziste e eu me deixei seduzir!” (cf. Jr 20,7), e fugir do Calvário. Ela, pelo contrário, não fugiu, mas ficou “de pé”, em silêncio, tornando-se assim, de maneira toda especial, mártir da fé e, seguindo o Filho, testemunha suprema da confiança em Deus. Esta visão de Maria que se une ao sacrifício do Filho encontrou uma expressão sóbria e solene num texto do Concílio Vaticano II:

“Assim a Bem-aventurada Virgem avançou em peregrinação de fé. Manteve fielmente sua união com o Filho até à cruz, onde esteve não sem desígnio divino. Veementemente sofreu junto com seu Unigénito. E com ânimo materno se associou ao seu sacrifício, consentindo com amor na imolação da vítima por ela mesma gerada”[1].

Maria não estava, pois, “junto da cruz de Jesus”, perto dele, só num sentido físico e geográfico, mas também num sentido espiritual. Ela estava unida à cruz de Jesus; estava no mesmo sofrimento; sofria com ele. Sofria no seu coração o que o Filho sofria na carne. E quem poderia pensar diversamente, se, ao menos, sabe o que significa ser mãe?

Jesus era também homem; enquanto homem, diante de todos ele não é, neste momento, senão um filho justicado na presença de sua mãe. Jesus já não diz: *Que temos nós com isso, mulher? A minha hora ainda não chegou* (Jo 2,4). Agora que a sua “hora” chegou, há entre ele e sua mãe algo de grande em comum: o mesmo sofrimento. Naqueles momentos extremos, quando também o Pai se escondeu misteriosamente do seu olhar de homem, restou para Jesus somente o olhar de sua mãe onde procurar refúgio e consolação. Por acaso vai desdenhar esta presença e esta consolação materna aquele que, no Getsêmani, suplicou aos três discípulos: *Ficai aqui e vigiai comigo* (Mt 26,38)?

Estar junto da cruz de Jesus

Agora, seguindo como sempre o nosso princípio-guia, conforme o qual Maria é tipo e espelho da Igreja, suas primícias e modelo, temos que nos perguntar: o que o Espírito Santo quis dizer à Igreja dispondo que, na Escritura, fosse registrada essa presença de Maria e essa palavra de Jesus sobre ela?

Também desta vez, é a mesma Palavra de Deus que, implicitamente, indica a passagem de Maria à Igreja, dizendo o que cada fiel deve fazer para

imitá-la: “Junto da cruz de Jesus estava Maria, sua Mãe, e, junto dela, o discípulo que ele amava”. Na *notícia* está contida a *parênese*. O que aconteceu naquele dia indica o que deve acontecer cada dia: é preciso ficar junto de Maria perto da cruz de Jesus, como aí ficou o discípulo que ele amava.

Há duas coisas escondidas nesta frase: primeiro, que é preciso ficar “junto da cruz” e, em segundo lugar, que é preciso ficar junto da cruz “de Jesus”. Veremos que essas são duas coisas diferentes, embora inseparáveis

Ficar perto da cruz “de Jesus”. Estas palavras dizem-nos que a primeira coisa a ser feita, a mais importante de todas, não é ficar perto de qualquer cruz, mas ficar perto da cruz “de Jesus”. Não é suficiente ficar perto da cruz, no sofrimento, e aí ficar em silêncio. Isto só já parece algo de heroico, todavia, não é o mais importante. Pode, aliás, não ser nada. Decisivo é ficar perto da cruz “de Jesus”. O que vale não é a própria cruz, mas a de Cristo. Não é o fato de sofrer, mas de acreditar, apropriando-se assim do sofrimento de Cristo. A primeira coisa é a fé. A realidade maior de Maria junto da cruz foi a sua fé, maior ainda do que o seu sofrimento. Paulo diz que a palavra da cruz é “poder de Deus e sabedoria de Deus para aqueles que são chamados” (cf. 1Cor 1,18.24) e diz que o Evangelho é poder de Deus “para todos aqueles que creem” (cf. Rm 1,16). Para todos que creem, não para todos os que sofrem, ainda que, como veremos, ambas as coisas geralmente estejam unidas.

Aqui está a fonte de toda a força e fecundidade da Igreja. A força da Igreja vem da pregação da cruz de Jesus – de algo que, aos olhos do mundo, é o próprio símbolo da loucura e da fraqueza –, renunciando a qualquer possibilidade ou vontade de enfrentar o mundo, descrente e leviano, com seus meios que são a sabedoria das palavras, a força da argumentação, a ironia, o ridículo, o sarcasmo e todas as outras “coisas fortes do mundo” (cf. 1Cor 1,27). É preciso renunciar a uma superioridade humana para que possa surgir e agir a força divina contida na cruz de Cristo. É preciso insistir neste primeiro ponto. A maioria dos fiéis nunca foi ajudada a entrar neste mistério que é o coração do Novo Testamento, o centro do kerigma e que muda a vida.

“Ficar perto da cruz”. Mas qual é o sinal e a prova de que se acredita verdadeiramente na cruz de Cristo, que “a palavra da cruz” não é apenas uma palavra, um princípio abstrato, uma bela teologia ou ideologia, mas que é verdadeiramente cruz? O sinal, a prova, é: tomar sua própria cruz e ir atrás de Jesus (cf. Mc 8,34). O sinal é a participação nos seus sofrimentos (Fl 3,10; Rm 8,17), é estar crucificado com ele (Gl 2,19), é completar, pelos próprios sofrimentos, o que falta à paixão de Cristo (Cl 1,24). A vida inteira do cristão, como a de Cristo, deve ser um sacrifício vivo (cf. Rm 12,1). Não se trata só de sofrimento aceito passivamente, mas também de sofrimento ativo, vivido em união com Cristo: *Trato duramente o meu corpo e o subjugo* (1Cor 9,27). “Toda a vida de Cristo foi cruz e martírio; e tu procuras só descanso e gozo?”, admoesta o autor da “Imitação de Cristo”[2].

Existiram na Igreja duas maneiras diferentes de colocar-se diante da cruz e da paixão de Cristo: a primeira, mais característica da teologia protestante, baseada na fé e na apropriação, que se apoia na cruz de Cristo, que quer gloriar-se só na cruz de Cristo; a segunda – pelo menos no passado cultivada de

preferência pela teologia católica –, que insiste no sofrer com Cristo, no partilhar de sua paixão e, como no caso de alguns santos, até no reviver em si mesmo a paixão de Cristo. O ecumenismo nos leva a reconstruir a síntese daquilo que na Igreja gradualmente acabou se opondo.

Não se trata, evidentemente, de pôr no mesmo plano a obra de Cristo e a nossa, mas de acolher a palavra da Escritura que afirma que tanto a fé como a obra estão mortas uma sem a outra (cf. Tg 2,14ss). Aliás, poderíamos dizer que o problema diz respeito à própria fé. É a fé na cruz de Cristo que precisa passar pelo sofrimento para ser autêntica. A Primeira Carta de Pedro diz que o sofrimento é o “crisol” da fé, que a fé precisa do sofrimento para ser purificada como o ouro no fogo (cf. 1Pd 1,6-7).

Por outras palavras, a nossa cruz não é salvação em si mesma, não é nem poder, nem sabedoria; por si mesma, é pura obra humana, ou até mesmo um castigo. Torna-se poder e sabedoria de Deus enquanto – acompanhada pela fé, por disposição de Deus mesmo – nos une à cruz de Cristo. “Sofrer significa tornar-se particularmente receptivo, particularmente aberto à ação das forças salvíficas de Deus, oferecidas em Cristo à humanidade”[3]. O sofrimento une à cruz de Cristo de maneira não só intelectual, mas existencial e concreta; é uma espécie de canal, de caminho para chegar à cruz de Cristo, não à margem da fé, mas fazendo uma coisa só com ela.

“Esperou contra toda a esperança”

Mas agora devemos ampliar nosso horizonte. Para o evangelista João que relata o episódio, a cruz de Cristo não é apenas o momento da morte de Cristo, mas também o de sua “glorificação” e triunfo. A ressurreição já está operando no sinal do Espírito que é derramado (cf. Jo 7, 37-39; 19,34). Portanto, no Calvário, Maria compartilhou com o Filho não apenas a morte, mas também os primeiros frutos da ressurreição. Não seria completa uma imagem de Maria aos pés da cruz simplesmente como Nossa Senhora das Dores, como sugerida pelo “*Stabat Mater*”, “triste, aflita e chorando”. No Calvário, ela não é só a “Mãe das Dores”, mas é também a Mãe da esperança, “*Mater Spei*”, como a invoca a Igreja num de seus hinos.

São Paulo afirma que Abraão *acreditou esperando contra toda esperança* (Rm 4,18). O mesmo deve-se dizer, com maior razão, de Maria junto da cruz: ela acreditou esperando contra toda a esperança. Esperar contra toda a esperança significa sem ter nenhum motivo de esperança, numa situação humanamente de total desesperança, continuar esperando unicamente por causa da palavra de esperança pronunciada por Deus. Como Abraão, de uma maneira que não podemos explicar (e que talvez nem ela conseguisse explicar para si mesma), também Maria acreditou que Deus era poderoso para ressuscitar o seu Filho “até da morte” (cf. Hb 11,19).

Um texto do Concílio Vaticano II menciona esta esperança de Maria junto da cruz como um elemento determinante da sua vocação materna. Diz que, junto da cruz, “de modo inteiramente singular, pela obediência, fé, esperança e ardente caridade, ela cooperou na obra do Salvador”[4].

Agora, voltemos nosso olhar para a Igreja, isto é, para nós. Das três realidades que a Igreja comemora no tríduo pascal – escreveu Santo Agostinho – crucifixão, sepultamento e ressurreição do Senhor, “nós, na vida presente, realizamos o que está significado na crucifixão, enquanto afirmamos pela fé e pela esperança o que está significado no sepultamento e na ressurreição”[5]. Também a Igreja, como Maria, vive a ressurreição “em esperança”. Também para ela a cruz é objeto de experiência, enquanto que a ressurreição é objeto de esperança.

Como Maria esteve perto do Filho crucificado, assim a Igreja é chamada a ficar perto dos crucificados de hoje: dos pobres, dos sofredores, dos humilhados e dos ofendidos. E como vai ficar perto deles a Igreja? Em esperança, como Maria. Não é suficiente compadecer-se das suas penas ou mesmo procurar suavizá-las. E muito pouco. Isso todos podem fazer, também os que não conhecem a ressurreição. A Igreja deve dar esperança, proclamando que o sofrimento não é absurdo, mas tem um sentido porque haverá uma ressurreição da morte. Ela deve dar razão da esperança que possui (cf. 1Pd 3,15).

Os homens precisam da esperança para viver, como do oxigênio para respirar. A Igreja também precisa de esperança para continuar sua jornada pela história e não se sentir esmagada pela contrariedade. Na audiência geral de 11 de março – a última pública antes da suspensão devido ao coronavírus –, o Papa Francisco pediu que vivêssemos esse período de provação “com coragem, responsabilidade e esperança”. Acima de tudo, gostaria de acolher seu apelo à esperança.

A esperança, por muito tempo, foi e continua sendo a irmã menor e a prima pobre dentre as virtudes teológicas. O poeta Charles Péguy tem uma bela imagem a esse respeito. Ele diz que as três virtudes teológicas – fé, esperança e caridade – são como três irmãs: duas adultas e uma ainda criança. Elas andam juntas pela rua de mãos dadas, as duas maiores nas laterais e a garotinha no centro. A menina, claro, é a esperança. Todo o mundo que os vê diz: “Certamente são os dois adultos que arrastam a garota para o centro!”. Eles estão errados: é a menininha Esperança que arrasta as duas irmãs, porque se parar a esperança, tudo para[6].

É preciso – como diz o poeta – que nos tornemos “cúmplices da menina esperança”. Tu esperaste algo ardentemente, uma intervenção de Deus, e nada aconteceu? Voltaste a esperar uma próxima vez, e ainda nada? Tudo continuou como antes, apesar de muitas súplicas e de muitas lágrimas e, talvez, até de muitos sinais de que serias ouvido? Continua esperando, espera ainda mais uma vez, espera sempre, até o fim. Torna-te cúmplice da esperança.

Tornar-se cúmplice da esperança significa permitir que Deus o iluda, que o engane aqui na terra quantas vezes ele quiser. E mais: significa estar contente, em alguma parte mais profunda do próprio coração, que Deus não o tenha escutado a primeira nem a segunda vez, e que continue a não o escutar, pois assim pode dar-lhe uma prova a mais, fazer um ato de esperança a mais, cada vez mais difícil. Ele lhe concedeu uma graça bem maior do que a pedida: a graça de esperar nele. Ele tem a eternidade para compensar o atraso!

Mas é preciso prestar atenção. A esperança não é só uma bela e poética disposição interior que, por mais difícil que seja, acaba deixando a pessoa inerte e sem nenhuma tarefa real, sendo, por isso mesmo, estéril. Pelo contrário, esperar significa descobrir que ainda há algo que se possa fazer, uma tarefa a ser cumprida; que não estamos, pois, condenados à inutilidade e à inércia paralisante.

Mesmo que não houvesse, pois, nada mais que pudéssemos fazer para mudar uma situação difícil, restaria sempre uma grande tarefa a se cumprir, que nos manteria bastante empenhados e livres do desespero: a tarefa de tudo suportar com paciência até o fim. Esta foi a grande “tarefa” que Maria levou a termo esperando junto da cruz, e nisso ela agora está pronta para ajudar também a nós.

Vemos na Bíblia alguns ímpetos de esperança. Um deles se encontra na terceira Lamentação, canto da alma na maior desolação, e que pode ser aplicada quase completamente a Maria aos pés da cruz:

“Eu sou a pessoa que conheceu a aflição sob a vara do seu furor. Deus me fez caminhar nas trevas e não na claridade; cercou-me com um muro para que não possa sair. Não obstante os meus gritos e apelos, ele rejeita a minha prece. E eu disse: Desapareceu a minha força, a minha esperança no Senhor”.

Mas eis o ímpeto de esperança que revira tudo. A certa altura, o orante diz para si mesmo: “A misericórdia do Senhor não se esgotou; por isso esperarei nele! Porque o Senhor não repele para sempre. Após haver afligido, tem compaixão. Talvez se encontre ainda esperança” (cf. Lm 3,1-32). A partir do momento em que profeta decide voltar à esperança, o tom muda: o lamento se transforma em uma expectativa confiante da intervenção de Deus.

Dirijamos o nosso olhar, mais uma vez, àquela que soube permanecer junto da cruz, esperando contra toda a esperança. Invoquemos Maria como mãe da esperança com as palavras de um antigo hino da Igreja:

*Salve Mater misericordiae,
Mater Dei, et mater veniae,
Mater Spei, et mater gratiae,
Mater plena sanctae laetitiae,
O MARIA!*

Ave, Mãe da misericórdia,
Mãe de Deus e Mãe do perdão,
Mãe da Esperança e Mãe da Graça,
Mãe cheia de santa alegria,
Ó MARIA!

Notas:

[1] *Lumen gentium*, 58.

[2] *Imitação de Cristo*, II, 12,7.

[3] S. João Paulo II, *Salvifici doloris*, 23 (AAS 76, 1984, p.231).

[4] *Lumen gentium*, 61.

[5] Sto. Agostinho, *Cartas*, 55, 14.

[6] Charles Péguy, *Le Porche du mystère de la deuxième vertu*, Œuvres poétiques complètes, p. 655.

QUARTA PREGAÇÃO

“Mulher, este é o teu filho! Maria, mãe dos fiéis”

Maria, mãe dos fiéis

“Ali todos nascemos”

Continuemos e concluamos a nossa contemplação de Maria no mistério pascal. O objetivo de nossa reflexão hoje é a palavra que Jesus dirige da cruz à sua mãe e ao discípulo que ele amava:

Jesus, ao ver sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava, disse a sua mãe: ‘Mulher, este é o teu filho’. Depois disse ao discípulo: ‘Esta é a tua mãe’. Daquela hora em diante, o discípulo a acolheu consigo (Jo 19,26-27).

No fim das nossas considerações sobre Maria no mistério da Encarnação, contemplamos Maria como Mãe de Deus; agora, no fim das nossas reflexões sobre Maria no Mistério Pascal, vamos contemplá-la como Mãe dos cristãos, como nossa Mãe.

É preciso logo dizer que não são dois títulos ou duas verdades a serem colocadas no mesmo plano. “Mãe de Deus” é um título definido solenemente; baseia-se numa maternidade real, não só espiritual; tem um relacionamento muito estreito e, aliás, necessário com a verdade central da nossa fé, que é Jesus Deus e Homem na mesma pessoa; e, por fim, é um título universalmente aceito na Igreja. “Mãe dos fiéis”, ou “Nossa Mãe”, é título que indica uma maternidade espiritual; tem um relacionamento menos estreito com a verdade central do Credo; não se pode dizer que tenha sido aceito no cristianismo “em toda parte, sempre e por todos”, mas reflete a doutrina e a piedade de algumas Igrejas, particularmente da Igreja católica, mas não só dela, como vamos ver.

Sto. Agostinho ajuda-nos a perceber logo a semelhança e a diferença entre as duas maternidades de Maria. Ele escreve:

“Maria, corporalmente, é mãe só de Cristo; mas, espiritualmente, enquanto faz a vontade de Deus, é para ele irmã e mãe. Espiritualmente ela não foi mãe da Cabeça, que é o próprio Salvador, do qual espiritualmente ela nasceu; mas certamente é mãe espiritual dos membros que somos nós porque, com a sua caridade, cooperou para o nascimento da Igreja dos fiéis, que são os membros daquela Cabeça”[1].

O nosso objetivo, nesta meditação, seria ver toda a riqueza que há por detrás desse título e o dom de Cristo que ele contém, de maneira que possa servir não só para honrarmos a Maria com mais um título, mas para nos edificar na fé e crescer na imitação de Cristo.

Também a maternidade espiritual, analogamente à física, realiza-se em dois momentos e em dois atos: conceber e dar à luz. Nenhum deles sozinho é suficiente. Maria passou por esses dois momentos: espiritualmente nos concebeu e gerou. Concebeu-nos, isto é, acolheu-nos em si, quando – talvez no momento mesmo do seu chamado, na Anunciação, e certamente em seguida, quanto mais Jesus avançava na sua missão – foi descobrindo que aquele seu filho não era um filho como os outros, uma pessoa particular, mas era um *primogênito entre muitos irmãos* (Rm 8,29), que ao redor dele reunia-se um “resto”, formava-se uma comunidade.

Esse foi, pois, o tempo do concebimento, do sim do coração. Agora, junto da cruz, é o momento do sofrimento do parto. Neste momento, Jesus dirige-se à sua mãe chamando-a de “Mulher”. Ainda que não o possamos afirmar com certeza, sabendo que João costuma falar também usando alusões, essa palavra faz-nos pensar naquilo que disse Jesus numa outra oportunidade: *A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza porque é chegada a sua hora* (Jo 16,21), e naquilo que se lê no Apocalipse, a respeito da “Mulher grávida que gritava com ânsias de dar à luz” (cf. Ap 12,1ss). Ainda que essa Mulher seja, em primeira linha, a Igreja, a comunidade da nova aliança que dá à luz o homem novo e o mundo novo, Maria também está pessoalmente contida nessa figura, como início e representante dessa comunidade crente. Essa justaposição entre Maria e a figura da mulher foi, no entanto, logo recebida pela Igreja. Santo Irineu (discípulo de São Policarpo, discípulo de João, por sua vez!) Vê em Maria a nova Eva, a nova “mãe de todos os viventes”[2].

Mas voltemo-nos agora para o texto de João, para ver se já contém algo disso que estamos dizendo. As palavras de Jesus a Maria: “Mulher, este é o teu filho”, e a João: “Esta é a tua mãe”, têm certamente, antes de tudo, um significado imediato e concreto. Jesus entrega Maria a João e João a Maria. Mas isso não esgota o significado da cena. A exegese moderna, tendo feito enormes progressos no conhecimento da linguagem e dos modos de expressão do Quarto Evangelho, está ainda mais convencida disso do que nos tempos dos Santos Padres. Como dizem, se o trecho de João for lido só de maneira imediatista, como se fossem últimas disposições testamentárias, dá a impressão de ser “um peixe fora d’água”, totalmente dissonante com o contexto onde se encontra. Para João, o momento da morte é o momento da glorificação de Jesus, do cumprimento definitivo de todas as coisas. Toda sentença e toda palavra nesse contexto também têm um significado simbólico e aludem ao cumprimento das Escrituras.

Dado esse contexto, forcamos mais o texto vendo nele apenas um significado particular e pessoal do que lendo aí, com a exegese tradicional, também um significado mais universal e eclesial, ligado, de algum modo, à figura da “mulher” de Gênesis 3,15 e de Apocalipse 12. Este significado eclesial é que o discípulo não é apenas João, mas o discípulo de Jesus enquanto tal, todos os discípulos. Eles são entregues a Maria como filhos por Jesus no momento da sua morte, do mesmo modo que Maria é entregue a eles como mãe.

As palavras de Jesus às vezes descrevem algo já presente, isto é, revelam o que existe; às vezes, criam e mandam existir o que exprimem. A esta segunda ordem pertencem as palavras de Jesus dirigidas a Maria e a João no momento

da morte. Dizendo: *Isto é o meu corpo...*, Jesus transformou o pão no seu corpo; assim também, com as devidas proporções, dizendo: *Esta é a tua mãe, e Este é o teu filho*, Jesus constitui Maria mãe de João e João filho de Maria. Jesus não apenas proclamou a nova maternidade de Maria, mas a instituiu. Esta, pois, não vem de Maria, mas da Palavra de Deus; não se baseia no mérito, mas na graça.

Debaixo da cruz, Maria mostra-se, pois, como a filha de Sião que, depois do luto e da perda dos seus filhos, recebe de Deus novos filhos, mais numerosos que antes, não segundo a carne, mas segundo o Espírito. Um salmo, que a liturgia aplica a Maria, diz: *“Na Filisteia ou em Tiro ou no país da Etiópia, este ou aquele ali nasceu’*. De Sião, porém, se diz: *‘Nasceu nela todo homem...’*, *“Deus anota no seu livro, onde inscreve os povos todos: ‘Foi ali que estes nasceram’”* (Sl 87,4ss). É verdade: todos nascemos lá! Dir-se-á também de Maria, a nova Sião: estes e aqueles dela nasceram. De mim, de ti, de cada um, também daquele que ainda não o sabe, no livro de Deus está escrito: *“Este ali nasceu”*.

Mas, por acaso, não “renascemos da Palavra de Deus viva e eterna” (cf. IPd 1,23)?; não “nascemos de Deus” (Jo 1,13), renascidos “da água e do Espírito” (Jo 3,5)? É a pura verdade, mas isso não impede que, num sentido diferente, subordinado e instrumental, tenhamos nascido também da fé e do sofrimento de Maria. Se Paulo, que é um servo e um apóstolo de Cristo, pode dizer aos seus fiéis: *Fui eu que vos gerei em Cristo Jesus, por meio do Evangelho* (1Cor 4,15), quanto mais pode dizê-lo Maria, que é a mãe dele! Quem, mais do que ela, pode fazer suas as palavras do Apóstolo: *Filhinhos meus, por quem de novo sinto as dores do parto* (Gl 4,19)? Ela nos gera “de novo” debaixo da cruz, porque já nos gerou uma primeira vez, não na dor, mas na alegria, quando deu ao mundo a Palavra viva e eterna, que é Cristo, na qual fomos regenerados.

Como antes aplicamos a Maria, sob a cruz, o canto de lamentação da Sião destruída, que bebeu do cálice da ira divina, assim agora, confiantes nas potencialidades e riquezas inesgotáveis da Palavra de Deus, que vão muito além dos esquemas exegéticos, aplicamos a ela também o canto da Sião reconstruída depois do exílio que, cheia de admiração, olhando para os seus novos filhos, exclama: *Quem me gerou estes filhos? Eu não tinha filhos, era estéril, quem os criou?* (Is 49,21).

A síntese mariana do Concílio Vaticano II

A doutrina tradicional católica de Maria Mãe dos cristãos recebeu uma nova formulação na Constituição sobre a Igreja do Concílio Vaticano II, onde ela está incluída no quadro mais amplo do lugar de Maria na história da salvação e no mistério de Cristo.

“Predestinada desde a eternidade junto com a Encarnação do Verbo divino, como Mãe de Deus, por desígnio da Providência divina, a Bem-aventurada Virgem foi nesta terra a sublime mãe do Redentor, singularmente mais que os outros Sua generosa companheira e humilde serva do Senhor. Ela concebeu, gerou, nutriu a Cristo, apresentou-O ao Pai no templo, compadeceu com seu Filho que morria na cruz. Assim de modo inteiramente singular, pela obediência, fé, esperança e ardente caridade, ela cooperou na obra do Salvador

para a restauração da vida sobrenatural das almas. Por tal motivo ela se tornou para nós mãe na ordem da graça”[3].

O mesmo Concílio preocupa-se em determinar exatamente o sentido dessa maternidade de Maria, dizendo:

A materna missão de Maria em favor dos homens de modo algum obscurece nem diminui esta mediação única de Cristo, mas até ostenta sua potência, pois todo o salutar influxo da Bem-aventurada Virgem em favor dos homens não se origina de alguma necessidade interna, mas do divino beneplácito. Flui dos superabundantes méritos de Cristo, repousa na sua mediação, dela depende inteiramente e dela aufere toda a força. De modo algum impede, mas até favorece a união imediata dos fiéis com Cristo”[4].

Ao lado do título de Maria Mãe de Deus e dos fiéis, a outra categoria fundamental que o Concílio usa para esclarecer a função de Maria, é aquela de modelo, ou de tipo:

“Em virtude da graça da divina maternidade e da missão pela qual ela está unida com seu Filho Redentor, e em virtude de suas singulares graças e funções, a Bem-aventurada Virgem está também intimamente relacionada com a Igreja. Já Sto. Ambrósio ensinava que a Mãe de Deus é o tipo da Igreja na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo”[5].

A novidade maior deste tratado sobre Maria consiste, como se sabe, nele ser colocado no contexto do tratado sobre a Igreja. Com isso, o Concílio – não sem sofrimentos e feridas, como é inevitável nesses casos – atuava uma profunda renovação na mariologia dos últimos séculos. O discurso sobre Maria já não está isolado, como se ela ocupasse uma posição intermediária entre Cristo e a Igreja, mas é reconduzido ao âmbito da Igreja, como tinha sido na época dos Santos Padres.

Maria é considerada, como dizia Sto. Agostinho, como o membro mais excelente da Igreja, mas um membro seu, não fora ou acima dela:

“Santa é Maria, bem-aventurada é Maria, mas a Igreja é mais importante que a Virgem Maria. Por quê? Porque Maria é uma parte da Igreja, um membro santo, excelente, superior a todos os outros, mas sempre um membro do corpo. E se é um membro do corpo, sem dúvida o corpo é mais importante do que um membro”[6].

Logo depois do Concílio, São Paulo VI desenvolveu ulteriormente a ideia da maternidade de Maria a respeito dos fiéis, atribuindo a ela, explícita e solenemente, o título de Mãe da Igreja:

“Para a glória, pois, da Virgem e para a nossa consolação, nós proclamamos Maria Santíssima ‘Mãe da Igreja’, isto é, de todo o povo de Deus, seja dos fiéis como dos Pastores, que a invocam como Mãe amorosíssima; e queremos que com este suavíssimo título de agora em diante a Virgem seja ainda mais honrada e invocada por todo o povo cristão”[7].

“Daquela hora em diante, o discípulo a acolheu consigo”

Este seria o momento de passar da contemplação de um título ou de um momento da vida de Maria à sua imitação prática, de considerar Maria enquanto tipo e espelho da Igreja. Neste capítulo, porém, onde contemplamos Maria como “nossa mãe”, a aplicação prática é de um tipo particular. Não consiste, evidentemente, em imitar Maria, mas em acolhê-la. Devemos imitar João, tomando Maria conosco em nossa vida.

“E o discípulo a acolheu consigo” (*eis tá ídia*). Pensa-se muito pouco no que esta breve frase contém. Por detrás dela, há uma notícia de enorme importância e historicamente certa, porque dada pela pessoa interessada. Maria passou os últimos anos da vida com João. Aquilo que se lê no Quarto Evangelho, a propósito de Maria em Caná da Galileia e debaixo da cruz, foi escrito por alguém que vivia debaixo do mesmo teto com Maria, porque é impossível não admitir um relacionamento estreito, senão a identidade, entre “o discípulo que Jesus amava” e o autor do Quarto Evangelho. A frase: “E o Verbo se fez carne” foi escrita por alguém que vivia debaixo do mesmo teto com aquela em cujo seio este milagre se realizara, ou ao menos por alguém que a tinha conhecido e frequentado.

Quem pode dizer o que significou, para o discípulo que Jesus amava, ter consigo Maria, em casa, dia e noite? Rezar com ela, com ela tomar as refeições, tê-la como ouvinte quando falava aos fiéis, celebrar com ela o mistério do Senhor? Pode-se pensar que Maria tenha vivido no círculo do discípulo que Jesus amava, sem ter tido nenhum influxo no lento trabalho de reflexão e de aprofundamento que levou à redação do Quarto Evangelho? Parece que, na antiguidade, Orígenes ao menos intuiu o segredo que há debaixo deste fato e ao qual os estudiosos e os críticos do Quarto Evangelho e os pesquisadores das suas fontes não dão, geralmente, nenhuma atenção. Ele escreve:

“Primícias dos Evangelhos é o de João, cujo sentido profundo não pode colher quem não tenha colocado a cabeça sobre o peito de Jesus e não tenha recebido dele Maria, como sua própria mãe”[8].

Agora nós nos perguntamos: o que pode significar para nós, concretamente, receber Maria em nossa casa? Este, creio, é o lugar onde colocar o núcleo sóbrio e sadio da espiritualidade monfortiana da entrega a Maria. Ela consiste em “fazer todas as ações por meio de Maria, com Maria, em Maria e para Maria, para poder cumpri-las do modo mais perfeito por meio de Jesus, com Jesus, em Jesus e para Jesus”.

“Devemos abandonar-nos ao espírito de Maria para ser movidos e guiados segundo o seu querer. Devemos colocar-nos e ficar entre as suas mãos virginais como um instrumento nas mãos de um operário, como um alaúde entre as mãos de um hábil tocador. Nem devemos perder-nos e abandonar como pedra que se joga ao mar. É possível fazer tudo isso simplesmente e num instante, com um só olhar interior ou um leve movimento da vontade, ou também com alguma breve palavra”[9].

Mas, assim não se usurpa o lugar do Espírito Santo na vida cristã, uma vez que nos devemos “deixar guiar” pelo Espírito Santo (cf. Gl 5,18), deixando que ele aja e reze em nós (cf. Rm 8,26ss.), para nos assemelhar ao Cristo? Não está escrito que o cristão deve fazer qualquer coisa “no Espírito Santo”? Este inconveniente – o de atribuir pelo menos de fato, tacitamente, a Maria as funções próprias do Espírito Santo na vida cristã – foi reconhecido como presente em algumas formas de devoção mariana anteriores ao Concílio[10]. Isso era devido à falta de uma clara e operante consciência do lugar do Espírito Santo na Igreja.

O desenvolver-se de um forte sentido da Pneumatologia não leva, porém, minimamente à necessidade de rejeitar esta espiritualidade da entrega a Maria, mas só esclarece a sua natureza. Maria é exatamente um dos meios privilegiados através dos quais o Espírito Santo pode guiar as almas e levá-las à semelhança com Cristo, exatamente porque Maria faz parte da Palavra de Deus, sendo ela mesma uma palavra de Deus em ação. Nisso, Grignon de Montfort antecipa os tempos, porque ele escreve:

O Espírito Santo, que é estéril em Deus, isto é, não dá origem a outra pessoa divina, tornou-se fecundo por Maria, com quem se casou. Com ela, nela e dela, ele fez sua obra-prima, que é um Deus feito homem, e todos os dias, até o fim do mundo, ele dá vida aos predestinados e aos membros do corpo dessa adorável Cabeça. Portanto, quanto mais o Espírito Santo encontra Maria, sua querida e indissolúvel Noiva, em uma alma, mais ele se torna diligente e poderoso para formar Jesus Cristo nesta alma e essa alma em Jesus Cristo[11].

A frase “*Ad Jesum per Mariam*”, a Jesus por Maria, portanto é aceitável só enquanto significa que o Espírito Santo nos guia a Jesus servindo-se de Maria. A mediação criada de Maria, entre nós e Jesus, reencontra toda a sua validade quando entendida como meio da mediação incriada que é o Espírito Santo.

Para entender, recorremos a uma analogia. Paulo exorta seus fiéis a olharem o que ele faz e a praticarem, eles também, como veem-no fazer: *Praticai o que aprendestes e recebestes de mim, ou que de mim vistes e ouvistes* (Fl 4,9). Ora, é certo que Paulo não quer colocar-se no lugar do Espírito Santo; simplesmente pensa que imitá-lo significa abrir-se ao Espírito, porque pensa ter ele também o Espírito de Deus (cf. 1Cor 7,40). Isto vale *a fortiori* de Maria, e explica o sentido do “fazer tudo com Maria e como Maria”. Ela pode, de verdade, dizer como Paulo e mais do que Paulo: *Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo* (1Cor 11,1). De fato, ela é nosso modelo e mestra exatamente porque é perfeita discípula e imitadora de Cristo.

Isto é, num sentido espiritual, receber Maria consigo: recebê-la como companheira e conselheira, sabendo que ela conhece, melhor do que nós, quais são os desejos de Deus a nosso respeito. Se aprendemos a consultar e a escutar Maria em todas as coisas, ela se torna para nós a mestra incomparável dos caminhos de Deus, mestra que ensina interiormente, sem barulho de palavras. Não se trata de uma possibilidade abstrata, mas de uma realidade experimentada, hoje como no passado, por inúmeras almas.

“A coragem que tiveste...”

Antes de concluir nossa contemplação de Maria no mistério pascal, na cruz, gostaria que dediquemos um pensamento a ela como modelo de fé e esperança. Chega uma hora na vida, na qual precisamos de uma fé e uma esperança como a de Maria. Chega uma hora na vida, quando é preciso ter uma fé e uma esperança como aquela de Maria. Isso quando parece que Deus já não escuta as nossas súplicas, quando se diria que ele desmente a si mesmo e suas promessas, quando nos faz passar de derrota em derrota, e os poderes das trevas parecem triunfar em todas as frentes ao nosso redor, e dentro de nós se faz noite, como naquele dia “sobre toda a terra” (Mt 27,45). Quando, como diz um salmo, ele parece “ter esquecido de ter piedade e a ira lhe fechou o coração” (Sl 77,10). Quando chegar para ti esta hora, lembra-te da fé de Maria e grita como outros fizeram: “Meu Pai, já não te entendo, mas confio em ti!”.

Talvez Deus esteja pedindo-nos agora mesmo que lhe sacrifiquemos, como Abraão, o nosso “Isaac”: a pessoa, a coisa, o projeto, a fundação, o cargo que apreciamos, que o próprio Deus um dia nos confiou e ao qual dedicamos toda a nossa vida. Esta é a ocasião que Deus nos oferece para mostrar-lhe que ele nos é mais caro do que tudo, acima também dos seus dons, acima também do trabalho que fazemos por ele.

Deus disse a Abraão: *Farei de ti o pai de uma multidão de nações* (Gn 17,5), e depois do sacrifício de Isaac: *Por teres procedido dessa forma e por não me teres recusado o teu filho, o teu único filho, eu te abençoarei e multiplicarei a tua descendência... Por tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra, porque me obedeceste* (Gn 22,16-18). A mesma coisa, e muito mais, diz agora a Maria: Eu te farei Mãe de muitos povos, mãe da minha Igreja! Todas as famílias da terra serão em ti abençoadas. Todas as gerações te hão de chamar bem-aventurada!

Um dos pais da Reforma, Calvino, comentando sobre Gênesis 12,3, diz que “Abraão não será apenas um exemplo e patrono, mas uma causa de bênção”. [12] Isso poderia tornar a declaração de Santo Irineu compreensível e aceitável para todos os cristãos: “Assim como Eva, ao desobedecer, se tornou a causa da morte para si e para toda a humanidade, Maria, obedecendo, tornou-se a causa da salvação (*causa salutis*) para si e para toda a humanidade”. [13] Como Abraão, Maria não é apenas um exemplo, mas também uma causa de salvação, mesmo se, é claro, de natureza instrumental, fruto da graça, não de mérito.

Está escrito que, quando Judite voltou, depois de ter arriscado a vida pelo seu povo, os habitantes da cidade correram ao seu encontro e o sumo sacerdote abençoou-a dizendo: *Tu és bendita do Senhor, Deus Altíssimo, minha filha, entre todas as mulheres da terra... jamais os homens cessarão de celebrar o teu louvor* (Jt 13,18ss.). Nós dirigimos a Maria as mesmas palavras: Bendita és tu entre as mulheres! A coragem que tiveste jamais desaparecerá do coração e da lembrança da Igreja!

Vamos agora resumir toda a participação de Maria no Mistério Pascal aplicando a ela, com as devidas diferenças, as palavras com as quais São Paulo resumiu o Mistério Pascal de Cristo:

Maria, que era a Mãe de Deus,
não reivindicou seu privilégio;
mas despojou-se a si mesma tomando a condição de serva,
tornando-se semelhante a qualquer outra mulher.
Viveu na humildade,
obedecendo a Deus, até a morte do Filho, morte na cruz.
Por isso é que Deus a exaltou
e lhe deu um nome que, depois daquele de Jesus,
está acima de todo o nome,
para que ao nome de Maria todas as cabeças se inclinem,
nos céus, na terra e nos infernos,
e toda a língua confesse
que Maria é Mãe do Senhor,
para glória de Deus Pai. Amém!

[1] Sto. Agostinho, *Sobre a santa Virgindade*, 5-6 (PL 40, 399).

[2] S. Irineu, *Adversus haereses*, III, 22, 4.

[3] *Lumen gentium*, 61.

[4] *Lumen gentium*, 60.

[5] *Lumen gentium*, 63.

[6] Sto. Agostinho, *Sermo 72A,7* (Miscellanea Agostiniana, I, p. 163).

[7] S. Paulo VI, *Discurso de encerramento do terceiro período do Concílio* (AAS, 56, '164, p.1016).

[8] Orígene, *Comentário ao Evangelho de João*, I,6,23 (SCh 120, pp. 70-72).

[9] S. L. Grignon de Montfort, *Tratado da verdadeira devoção a Maria a Maria*, nr. 257-259 (in *Oeuvres complètes*, Paris 1966, pp. 660ss.).

[10] Cf. H. Mühlen *Una mystica persona*, trad. ital. Città Nuova, Roma 1968, pp. 575ss.

[11] *Tratado*, cit., n. 20.

[12] Calvino, *Le livre de la Génèse*, I, Ginevra 1961, p. 195 ; cf. G. von Rad, *Genesi*, Paideia, Brescia 1978, p. 204.

[13] Sto. Irineu, *Adversus Haereses*, III, 22,4 (SCh 211, p. 441).

